



Diagnosticando discursos, subvertendo prognósticos: vozes infectadas em “Depois de agosto”, de Caio Fernando Abreu

Luciana Namorato*

RESUMO

Os discursos dominantes acerca da AIDS apresentam com frequência um tom moralizante e são caracterizados pela estigmatização desta doença e pela diferenciação extrema dos portadores do HIV da porção saudável da população. Este ensaio analisa o conto “Depois de agosto” (1995), do escritor brasileiro Caio Fernando Abreu (1948-1996), salientando o embate de seu protagonista, um homem HIV-positivo, com discursos a respeito dos portadores do vírus que contribuem para sua paralisia e sugerem sua exclusão da vida social. É traçado um paralelo entre a radicalização do conceito de ‘alteridade’ presente em tais discursos e o conceito de ‘outro’ característico das relações coloniais e pós-coloniais.

PALAVRAS-CHAVE

identidade, alteridade, colonialismo, doença, HIV

ABSTRACT

Predominant discourses on AIDS frequently carry a moralizing tone and are marked by the stigmatization of the disease, as well as by an extreme differentiation between those who are HIV-positive and those members of society who are not affected. This essay studies the short-story “Depois de agosto” (1995), by the Brazilian writer Caio Fernando Abreu (1948-1996), stressing the struggle of its HIV-positive protagonist to deconstruct discourses on HIV and AIDS that contribute to the paralysis of those infected and their consequent exclusion from life in society. This study traces parallels between radicalization of the concept of ‘other’ common to the discourses on HIV and AIDS and the concept of ‘other’ that prevails in discourses on colonial and postcolonial exchanges.

KEYWORDS

Identity, otherness, colonialism, disease, HIV

* Professora em tempo integral (Assistant Professor) do Departamento de Espanhol e Português da Indiana University – Bloomington, Estados Unidos. É autora de artigos sobre literatura lusófona e sobre a literatura latino-americana dos séculos XX e XXI. Sua pesquisa aborda questões relacionadas a trocas interculturais em relações coloniais e pós-coloniais, assim como a identidades nacionais e de gênero. É co-editora de *O fraco da baronesa de Guiomar Torresão: introdução, análise e edição crítica*. Contato: lnamorat@indiana.edu



“Talvez tudo, talvez nada. Porque era cedo demais e nunca tarde.
Era recém no início da não-morte dos dois”

(Caio Fernando Abreu 1995: 257)

Um homem debilitado deixa um hospital apoiado nos ombros de dois amigos. Assim se inicia “Depois de Agosto”¹ (*Ovelhas negras* 1995), conto de Caio Fernando Abreu (1948-1996), cujo protagonista se apresenta aos leitores como uma pessoa para quem supostamente seria tarde demais: “tarde demais para a alegria, tarde demais para o amor, para a saúde, para a própria vida” (246). Referências a horários rígidos, drogas pesadas, náuseas, feridas no céu da boca, suores noturnos e olhos baixos diante do espelho, “para não ver Caim estampado na própria cara” (247), levam os leitores a suspeitarem que o protagonista é HIV positivo, suposição que é confirmada por suas repetidas alusões às “pessoas do Outro Lado” (247). Infectado pelo vírus da imunodeficiência (HIV), o protagonista considera-se um estrangeiro, não somente entre seus amigos, mas perante todos os demais seres humanos saudáveis: “Nosferatu, desde agosto, aquela espada suspensa, pescoço na guilhotina, um homem-bomba cujo lacre ninguém se atrevia a quebrar” (254). Em “Depois de agosto”, ‘sobreviver com AIDS’ e ‘estar vivo’ tornam-se conceitos praticamente opostos. Excluído do mundo dos ‘vivos’, o protagonista deste conto examina a posição dos portadores de HIV em relação à porção saudável da sociedade – sua confusão ou interseção com esta, ou seu desterro em relação à mesma. Sua luta não se limita a sobreviver apesar de sua imunodeficiência, mas inclui também garantir para si mesmo um lugar na sociedade.

Comumente tomadas como momentos de exceção², doenças graves como o câncer e a AIDS são descritas com frequência, tanto no discurso médico quanto no

¹ O conto “Depois de agosto” foi escrito em fevereiro de 1995, um ano antes da morte de seu autor em decorrência de complicações causadas pela AIDS. Com o subtítulo “uma história positiva, para ser lida ao som de ‘Contigo en la distancia’”, a história é precedida de uma curta contextualização: “Foi escrita em fevereiro de 1995, entre Rio de Janeiro, Fortaleza e Porto Alegre. Há pouco a dizer sobre ela, ainda está muito próxima para eu tratá-la com frieza e distanciamento. Talvez seja um tanto cifrada, mas para um bom leitor certo mistério nunca impede a compreensão” (245).

² No prefácio a *Untimely Interventions: AIDS Writing, Testimonial and the Rhetoric of Haunting* (2004), Ross Chambers associa o impulso humano de testemunhar – tanto por meio da escrita ficcional como da não-ficcional – a um desejo de despertar a porção da população que estaria adormecida (ou de, pelo menos, perturbar-lhe o sono) para a existência da dor, levando-a, desta forma, a solidarizar-se com o sofrimento alheio. Para Chambers, esta mensagem de urgência transmitida pela literatura de teste-



literário, por meio de metáforas que as associam a inimigos de uma ‘normalidade’ que se definiria por um estado de saúde, sossego, abundância e progresso. O indivíduo doente, com suas limitações (devido à dor, a internações ou à ameaça constante da morte, entre outras), torna-se contraponto aos indivíduos saudáveis, corroborando, desta forma, o valor da saúde como condição necessária e suficiente para a realização de um supostamente incomensurável potencial humano. Em “Depois de agosto”, a conclusão do protagonista de que, para ele, tinha ficado tarde demais – sobretudo para o amor³ – é resultado do prognóstico de sua morte iminente, que se contrapõe à liberdade e ao poder de ação que experimentaríamos os não-infectados, poder que não é percebido pelos últimos, apelidados pelo protagonista de “Viventes Inconscientes” (248). Revela-se, assim, a incoerência e a inutilidade, tanto para doentes como para não doentes, de um discurso que associa doenças graves a agentes de revelações a respeito das prioridades dos homens e de seu papel na sociedade. A consciência das contradições que cercam tal discurso se manifesta na seguinte reflexão do protagonista:

Pois se ficara mesmo tarde demais para todas as coisas dos Viventes Inconscientes, como passara a chamar às Pessoas do Outro Lado – apenas para si mesmo, não queria parecer arrogante –, pois se ficara mesmo assim tragicamente tarde, acendia um cigarro culpado e, fodam-se, com toda a arrogância constatava: se era tarde demais, poderia também ser cedo demais, você não acha? Perguntava sem fôlego para ninguém. (248-249)

Entre várias doenças graves, a AIDS se diferencia por ser extremamente estigmatizada. As armadilhas metafóricas que a descrevem como uma doença da indulgência e da delinqüência são sinais que apontam para as peculiaridades e

munho – incluindo-se textos que tematizam a contaminação pelo HIV – teria, entretanto, um objetivo bem definido e, por isso, limitado em certos momentos de nossa cultura (ocidental, capitalista) atual: o de apresentar as drásticas falhas de justiça, tolerância e humanidade como ocorrências singulares, como desvios sem precedentes e, por essa razão, indiscutíveis e silenciadores: “*These are the cultures in which drastic failures of justice, decency, tolerance, humaneness – of ‘culture’ itself in one of its senses, in which it is synonymous with civilization – are experienced, not so much as part of an everyday experience of misery (as AIDS is added to homophobia and racism or to the harshness of ghetto existence, in urban America; or as military and judicial violence, torture and rape are added, among Menchú’s people, to ordinary daily oppression and exploitation), but as something unique, without precedent and consequently unspeakable. [...] HIV disease, which has raged and continues to rage in many parts of the world [...] as an epidemic of immense proportions that is virtually out of control, was experienced – and described in innumerable witnessing texts – as a unique visitation by members of the largely middle class or middle-class-oriented gay male communities of large Western cities like Paris, London, New York, San Francisco, or Sydney during the 1980s and into the 1990s*” (Chambers xvii-xviii, itálico do autor).

³ “Sobretudo para o amor, suspirava. Discreto, pudico, conformado. Nunca-mais o amor era o que mais doía, e de todas as tantas dores, essa a única que jamais confessaria” (Abreu 1995: 247).



os preconceitos da cultura que produziu tais metáforas, enquanto, ao mesmo tempo, confirmam e reforçam estes mesmos preconceitos e peculiaridades. Envolvidos em uma rede de significados moldados por metáforas exaustivamente repetidas, os discursos sobre a AIDS podem, no entanto, às vezes replicar subvertendo as mesmas metáforas que ameaçam diluí-los em um inventário de vozes que ecoam convencionais modos de representação – ou de repressão – de nossa cultura dominante. A visão da AIDS como uma ‘praga’⁴ e, por extensão, como uma oportunidade de se recomeçar do zero ou de se reavaliarem valores e prioridades, revela-se, de acordo com a lógica do protagonista, inadequada. Sua conclusão é de que sempre será ou cedo ou tarde demais, hipótese que o leva a suspeitar de que somente importa o momento presente, uma conjectura cuja confirmação igualaria os infectados aos não-infectados pelo HIV: “Ele filosofava: se tarde demais era *depois* da hora exata, cedo demais seria *antes* dessa mesma hora. Estava portanto cravado nessa hora, a exata, entre antes-depois, noite-dia, morte-vida e isso era tudo e em sendo tudo não era boa nem má aquela hora, mas exata e justa apenas tudo que tinha” (249, itálicos do autor). Já que somente importaria o momento presente, torna-se irrelevante o tempo de vida restante a alguém, assim como o significado freqüentemente atribuído a doenças graves de ‘lições’ a serem sofridas, solitária e resignadamente, ou compartilhadas com urgência, de forma a reformar a sociedade. Tendo em vista sua conclusão, o protagonista considera-se “ressuscitado” (249), uma vez que se sente desobrigado de sujeitar-se a um discurso a respeito dos portadores do HIV que lhes impede de viverem “suas histórias de vivas desimportâncias” (247), como os demais:

[Tinha] nostalgia boa de gargalhar rouco jogando conversa fora com outras pessoas de qualquer lado – que não havia lados, mas lagos, desconfiava vago –, como desde antes daquele agosto desaprendera de fazer. Ah, sentar na mesa de um bar para beber nem que fosse água brahma light cerpa sem álcool (e tão chegado fora aos conhaques) falando bem ou mal de qualquer filme, qualquer livro, qualquer ser [...]. (250).

As dúvidas, ansiedades, limitações e fracassos do protagonista reinserem-se na ampla definição de ‘humano’ (em oposição a ‘enfermo’, ‘aidético’ ou ‘mori-

⁴ Cf. Susan Sontag: “*The taste for worst-case scenarios reflects the need to master fear of what is felt to be uncontrollable. It also expresses an imaginative complicity with disaster. The sense of cultural distress or failure gives rise to the desire for a clean sweep, a tabula rasa. No one wants a plague, of course. But, yes, it would be a change to begin again. And beginning again – that is very modern, very American, too*” (Sontag 1990: 175).



bundo'): "quero ver, rever, transver, milver tudo que não vi e ainda mais do que já vi, como um danado, quero ver feito [Fernando] Pessoa, que também morreu sem encontrar" (248). Dispensado de submeter-se a um papel que o reduzia a apêndice – porque considerado mero desvio ou lição a respeito – da sociedade sadia, o protagonista de "Depois de agosto" volta a relacionar-se com outras pessoas, dando continuidade a sua investigação a respeito do caráter de sua relação com a porção da sociedade não contaminada pelo HIV, grupo este do qual ele acredita ainda fazer parte.

É justamente a moralização das doenças, ou seja, sua equiparação a 'lições de (ou sobre a) vida' a serem assimiladas pela população em geral, que Susan Sontag critica em *Illness as Metaphor* (1978) e em *AIDS and Its Metaphors* (1989),⁵ ensaios em que se propõe que as doenças sejam abordadas simplesmente como doenças e não como pretextos para a produção de discursos a serviço de posições políticas, econômicas e morais de grupos específicos.⁶ A proposta de Sontag de "acalmar a imaginação"⁷ dar-se-ia por meio da estratégia oposta, ou seja, através da exposição, da descrição exaustiva, da crítica e do ataque dessas metáforas abusivas e de sua conseqüente refutação: "With this illness [AIDS], one that elicits so much guilt and shame, the effort to detach it from these meanings, these metaphors, seems particularly liberating, even consoling. But the

⁵ A crítica de Sontag refere-se principalmente à descrição de doenças graves por meio de metáforas associadas à guerra – e por extensão a intervenções militares, colonização, defesa de fronteiras e xenofobia. No parágrafo conclusivo de seu ensaio sobre a AIDS e suas metáforas, Sontag afirma: "We are not being invaded. The body is not a battlefield. The ill are neither unavoidable casualties nor the enemy. We – medicine, society – are not authorized to fight back by any means whatever..." (1990: 183).

⁶ Como explica: "[T]he wars against diseases are not just calls for more zeal, and more money to be spent on research. The metaphor implements the way particular dreaded diseases are envisaged as an alien 'other,' as enemies are in modern war; and the move from the demonization of the illness to the attribution of fault to the patient is an inevitable one [...]" (Sontag 1990: 99); "In the description of AIDS the enemy is what causes the disease, and infectious agent that comes from the outside [...]. This is the language of political paranoia, with its characteristic distrust of a pluralistic world" (1990: 105-106); "[T]here is a link between imagining disease and imagining foreignness. It lies perhaps in the very concept of wrong, which is archaically identical with the non-us, the alien" (1990: 136); "Not all metaphors applied to illnesses and their treatment are equally unsavory and distorting. The one I am most eager to see retired – more than ever since the emergence of AIDS – is the military metaphor. Its converse, the medical model of the public weal, is probably more dangerous and far-reaching in its consequences, since it not only provides a persuasive justification for authoritarian rule but implicitly suggests the necessity of state-sponsored repression and violence [...]. But the effect of the military imagery on thinking about sickness and health is far from inconsequential. It overmobilizes, it overdescribes, and it powerfully contributes to the excommunicating and stigmatizing of the ill" (1990: 182).

⁷ A autora refere que "[t]he purpose of my book was to calm the imagination, not to incite it. Not to confer meaning, which is the traditional purpose of literary endeavor, but to deprive something of meaning; to apply that quixotic, highly polemical strategy, 'against interpretation,' to the real world this time. To the body" (1990: 102).



metaphors cannot be distanced just by abstaining from them. They have to be exposed, criticized, belabored, used up” (1990: 182). É também essa a estratégia adotada pelo protagonista de “Depois de agosto”: ele se submete a um discurso excludente, insere-se nele, investiga-o, questiona-o e termina por refutar esse mesmo discurso.

Se, por um lado, não salientarei em minha análise as metáforas comumente associadas à AIDS e aos portadores do HIV – tais como aquelas que descrevem estes como corpos poluídos punidos por sua luxúria⁸ – presentes em “Depois de agosto”, por outro lado usarei uma metáfora como ponto de partida para a análise da descrição – ou ‘aprisionamento’ – dos portadores do HIV por meio do discurso dominante (nascido na medicina, propagado pela mídia, e difundido pelos próprios indivíduos infectados), conforme descrito no conto de Caio Fernando Abreu. Os dois termos de minha comparação são discursos sobre a AIDS e sobre portadores do HIV, e um determinado discurso a respeito do ‘outro’ (‘estrangeiro’, ‘desconhecido’ ou ‘diferente’) predominante na literatura de ficção e na crítica cultural e literária brasileira desde os primeiros contatos entre a metrópole portuguesa e o então recém-descoberto Brasil.

Em seu ensaio “Apesar de dependente, universal” (1982), uma reflexão sobre o papel da literatura brasileira e da crítica cultural em um contexto pós-colonial, o crítico e autor de ficção Silviano Santiago põe em dúvida a suposta radicalidade dos conceitos de ‘desconhecido’ e de ‘outro’ usados em referência ao Novo Mundo. Ele os descreve como definições moldadas de acordo com os padrões vigentes no Velho Mundo e postas a serviço deste. A ‘descoberta’ do Novo Mundo, em lugar de ampliar o horizonte de conhecimentos e crenças da Europa e de fecundamente desestabilizá-lo, teria servido como pretexto para o estabelecimento de um espaço de reprodução do já conhecido, ou seja, dos conflitos e impasses europeus de então: “O conquistador vitorioso acaba por introjetar na ‘desconhecida’ América o dilema maior dos reis e súditos europeus, todos

⁸ Este discurso ecoa em “Depois de agosto” em passagens como “desde agosto tornar-se o tão impuro que sequer os leprosos de Cartago ousariam tocá-lo, ele, o mais sarnento de todos os cães do beco mais sujo de Nova Délhi” (Abreu 1995: 251); ou: “voltara, o desejo que tanto latejara antes e tão loucamente que, por causa dele, ficara assim” (254).



às voltas com a quebra da unidade da Igreja e com as constantes guerras entre facções religiosas distintas” (Santiago 1982: 14).

Comentando o papel da catequese de José de Anchieta, Santiago ressalta: “A luta pelo poder e partilha dessa ‘nossa pobre terra’ é compreendida pela divisão e luta religiosas. Só que, aqui, a terra é palco e a luta é encenação, enquanto lá na Europa o problema é a realidade concreta do *cuius regio, eius religio* (‘cada país tem a sua própria religião’)” (15, itálicos do autor). Em “Depois de agosto”, tematiza-se uma tirania semelhante: a violência de um discurso a respeito da AIDS que subordina o ‘desconhecido’ – aqueles infectados pelo HIV – ao ‘conhecido’ (ou ‘desejado’) – a porção sadia da população, tomada inquestionavelmente como padrão para o estabelecimento de valores ‘universais’, valores tais que a doença ressaltaria e a respeito dos quais ensinaria algo a todos, doentes ou não.

Como doente condenado a um fim próximo, o protagonista de “Depois de agosto” vê-se como alguém para quem ficou ‘tarde demais’, mas que nem por isso se diferencia radicalmente dos seres vivos não infectados pelo HIV, para quem, ao contrário, seria ‘cedo demais’. Aqueles para quem era muito cedo (para redefinir suas prioridades? para questionar sua confiança em um futuro promissor?) e aqueles para quem seria tarde demais confundem-se. Esta passagem ressalta o despropósito de um discurso que associa doenças graves a oportunidades de aprendizado e de reforma da sociedade como um todo: nem os indivíduos afetados pela doença nem os indivíduos sadios podem valer-se delas.

Questionando o significado repetidamente atribuído ao terreno das doenças graves – espaço a serviço da encenação de dilemas comuns à porção sadia da sociedade e raramente questionador ou renovador desses mesmos dilemas –, o protagonista do conto de Caio Fernando Abreu recusa-se a se excluir completamente da sociedade, evitando, desta maneira, definir-se como exemplo (negativo) ou como origem de gratidão por parte dos não infectados. Ele se nega a se oferecer como lição (ou como laboratório para o ensaio e correção de desvios da sociedade ‘exemplar’) tanto aos “Cúmplices Complacentes”, como aos “Sórdidos Preconceituosos” (250). A trajetória desse protagonista culmina em um discurso que reconhece sua própria singularidade sem a tomar como motivo



suficiente para sua radical exclusão do corpo social e sem a reduzir a simples instrumento de manutenção do mesmo⁹.

Como Abreu indica no prefácio ao conto (sem dúvida com aspectos autobiográficos), esta narrativa apresenta um caráter experimental, sendo marcante sua busca de respostas – “Há pouco a dizer sobre ela, ainda está muito próxima para eu tratá-la com frieza e distanciamento” (245). A trajetória de seu autor assemelha-se à do protagonista do conto, em constante redescoberta e de redefinição de si mesmo. Consciente da fugacidade e da instabilidade da vida – características compartilhadas tanto por infectados pelo HIV, como por não infectados –, o protagonista de “Depois de agosto” dispõe-se a mergulhar no presente e a ignorar as previsões de sua morte próxima. Depara-se, então, com o inesperado: o ressurgimento do desejo, que o tira de seu “Paraíso que a duras penas conquistara desde sua temporada particular no Inferno” (249). Estar no paraíso significa, para o protagonista, crer que pode – e deve – continuar vivendo como os demais, como os ‘do outro lado’, apesar de sua doença. O encontro com um homem que lhe desperta a paixão – e, por extensão, a esperança – põe em risco tal certeza, uma vez que o protagonista acredita que a sua doença não lhe permite amar a ninguém mais. Daí sua raiva em relação ao ‘Outro’:

Mas o Outro sabia. E por dentro do encantamento, da esperança e do desejo, entremeado começou a ter pena do Outro, mas isso não era justo, e tentou o ódio. [...] Aos berros no chuveiro: se você sabe seu veado o que pretende afinal com tanta sedução? Sai de mim, me deixa em paz, você arruinou a minha vida. Começou a cantar uma velha canção de Nara Leão que sempre o fazia chorar, desta vez mais que sempre [...]. (252)

O protagonista decide, no entanto, encontrar-se com aquele que o perturbara em seu ‘paraíso’. Refletindo sobre seus medos, considera-os insuficientes para paralisá-lo, uma vez que são apreensões comparáveis a tantas outras, não necessariamente associadas a sua doença: “Sim, afligia muito querer e não ter. Ou não querer e ter. Ou não querer e não ter. Ou querer e ter. Ou qualquer

⁹ Para uma análise da relação entre os conceitos de nação, (homo)sexualidade e AIDS na obra de Caio Fernando Abreu, ver Fernando Arenas (2003): “Subjectivities and Homoerotic Desire in Contemporary Brazilian Fiction: The Nation of Caio Fernando Abreu”. *Utopias of Otherness: Nationhood and Subjectivity in Portugal and Brazil*. Minneapolis: U of Minnesota P, pp. 42-65



outra enfim dessas combinações entre os querereres e os teres de cada um, afligia tanto” (253). Uma vez que todas as combinações afligem, seu sofrimento seria somente a possível consequência de um fracasso entre tantos outros também prováveis insucessos, aos quais toda a população seria susceptível.

O protagonista percebe que seus receios são exagerados, uma vez que sua tão temida dor não seria um sofrimento sem precedentes ou sem par. Em seu encontro com o ‘Outro’, este revela ao protagonista que também é portador do HIV, e o último se surpreende ao concluir-se incapaz de deduzir a história passada daquele que se encontra diante dele: “Eu era gordo, contou um. Eu era feio, disse o outro. Adoro manga, odeio cebola. Coisas assim, eles falaram até as cinco. [...] Que o Outro quase morrera, antes mesmo dele, num agosto anterior talvez de abril [...]” (255-256). Sua ignorância a respeito do passado de seu companheiro alerta-o para sua ignorância a respeito do futuro, assim como para sua arrogância em acreditar que podia prevê-lo. Comentando os planos para o relacionamento que se inicia, o protagonista enumera as várias possibilidades de futuro para os dois:

Talvez um voltasse, talvez o outro fosse. Talvez um viajasse, talvez outro fugisse. Talvez trocassem cartas, telefonemas noturnos [...] Talvez ficassem curados, ao mesmo tempo ou não. Talvez algum partisse, outro ficasse. Talvez um perdesse peso, o outro ficasse cego. Talvez não se vissem nunca mais, com olhos daqui pelo menos, talvez enlouquecessem de amor e mudassem um para a cidade do outro, ou viajassem juntos para Paris, por exemplo, Praga, Pittsburg ou Creta. Talvez um se matasse, o outro negativasse. Seqüestrados por um OVNI, mortos por bala perdida, quem sabe. (256-257)

Na despedida, os dois concordam em olhar para a lua, em hora determinada, quatro noites antes e quatro noites depois do plenilúnio, cada um observando a lua de sua própria janela, em cidades separadas: “Abraçados a si mesmos, sozinhos no escuro, dançam boleros tão apertados que seus suores se misturaram” (257). O isolamento final desta cena é somente aparente. Seguindo a longa enumeração de possíveis desenvolvimentos e desfechos para relacionamento entre os dois, a solidão e a distância entre eles adquire um caráter provisório. No entanto, sua metáfora é significativa para a compreensão da visão do protagonista a respeito de sua vida com AIDS. A referência a um ‘encontro’ regular e sempre renovado aponta para a reinserção das personagens no tempo linear: “E quando minguia e some, sabem que se renova e cresce e torna a ser cheia outra vez e assim por todos os séculos e séculos” (257-258). Deixando de viver em um



momento presente ideal, mas impensável em termos práticos a portadores ou não portadores do HIV, e reinscrindo-se, desta forma, na seqüência presente/passado/futuro, os protagonistas de “Depois de agosto” abrem-se ao desconhecido, ou seja, ao imprevisível, elemento que se contrapõe à violenta irrefutabilidade de um prognóstico comumente associado ao diagnóstico da AIDS.

Em “Depois de agosto”, Caio Fernando Abreu tematiza o esforço de um doente para garantir sua alteridade, enquanto, ao mesmo tempo, nega uma alteridade fictícia – forjada por um discurso homogeneizador desta mesma alteridade, que a confunde com ‘anormalidade’. Seu protagonista esforça-se para não se submeter a um discurso que o reduz a uma vida despojada de valor além de mera lição para o corpo social ‘saudável’. Seu constante movimento em busca de uma definição de si mesmo põe em questão os conceitos de saúde e doença, desestabilizando as barreiras entre conhecimento e ignorância, prognóstico médico e palpite desinformado, lógica e intuição. Neste conto, a relação entre o protagonista infectado pelo HIV e as demais personagens se dá através da pergunta, e não por meio da metáfora; é instrumento de desconstrução de discursos, em lugar de aprisionamento dos mesmos.



Bibliografia

ABREU, Caio Fernando (1995): “Depois de agosto”. Em: *Ovelhas negras*. Porto Alegre: Sulina, pp. 245-258.

CHAMBERS, Ross (2004): “Preface”. Em: *Untimely Interventions: AIDS Writing, Testimonial and the Rhetoric of Haunting*. Ann Arbor: U of Michigan P, pp. Vii-xxxiv.

SANTIAGO, Silviano (1982): “Apesar de dependente, universal”. Em: *Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-culturais*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, pp. 13-24.

SONTAG, Susan (1990) [1989]: “AIDS and Its Metaphors”. Em: *Illness as Metaphor and AIDS and Its Metaphors*. New York: First Anchor Books, pp. 92-183.

_____ (1978): *Illness as Metaphor*. New York: Farrar, Straus and Giroux.